

0032345/2003



L0000032348

677

ORMA
- 923.2
10.7695

CLARINDO SANTIAGO

JOÃO LISBÔA

TIPOGRAVURA TEIXEIRA
MARANHÃO — 1928



REGISTRO SETORIAL

SERVIÇO DE AUTORES MARANHENSES

Numero 684

Data 14/10/1971

JOÃO LISBÔA

Ao penetrar o visitante esse palacio de paginas que é o “Pantheon Maranhense”, sente-se logo levado, por um singular e quasi inconsciente impulso, a trilhar primeiramente as dependencias da terceira sala, o tomo III, dedicado a Gonçalves Dias. Acha-se ali, sem saber como, attrahido por um perfume subtil e embriagador, como o que emana de uma estufa onde vicejam flôres. Leva-o até lá essa curiosidade, que se lhe atou no espirito, desde criança, porque muitas vezes ouviu dos paes e das velhas que contam historias a narrativa dos padecimentos do cantor dos Tymbiras, um

dos mais legitimos reveladores da terra brasileira.

Mas, um outro pavilhão é tão grande e tão rico quanto este, e prende, em seguida, a attenção do leitor. E' o tomo II, cujo tecto lavrado a capricho abriga da poeira do olvido as minucias da vida agitada de um jornalista. E' a estancia dos florões da Imprensa, onde pervagam juntamente as sombras da Justiça, da Historia e da Eloquencia. Gira no ar o rumor attrahente das redacções, feito da ansiedade de noticias, planos de artigos, sabor das ultimas informações, resaios de polemicas. O aspecto do todo figura um desses muitos gabinetes, de onde se diffundiram grandes operosidades, os quaes são conservados para a admiração dos posteros. Todos os detalhes estão ali como objectos mantidos carinhosamente onde os largou a figura a quem pertenceram, a forte personalidade que deixou na patria, cercado de respeito, o nome de João Lisbôa.

Não tendo, até attingir a maturidade, deixado a província, onde não florescem os louros da gloria, nem por isso deixou de vir de longe a fama romper-lhe a quietude da modestia e consagral-o qual outro I-Juca-Pirama das liças jornalisticas, a quem fosse dito, do mesmo modo que ao heróe tupy.

—Basta, guerreiro illustre, assás luctaste”

Quando criança, mirando-se nos remansos do rio Itapecurú, de cuja margem foi rebento fecundo, e contemplando na agua a sua imagem, mal sabia que o destino o elegera para exercer, no meio da sua gente, papel tão preponderante quanto o que o rio representou no civilizamento da terra. E, com effeito, o rio e o homem tornaram-se ambos factores do progresso maranhense, aquelle mostrando ha muito o caminho para o povoamento do sertão, este apontando a senda das mais puras idéas liberaes.

O rio tem periodos de enchentes consideraveis e soffre tambem baixas periodicas, que deixam, de onde em onde, apontar os escolhos do leito. A capacidade de trabalho de João Lisboa experimentou enchentes notaveis de enthusiasmo, e algumas vezes vazou em roda dos escolhos das contrariedades.

No Itapecurú, nunca foi observado o phenomeno da pororoca, tão commum noutros cursos fluviaes do Estado, essa violenta contracção dos musculos das aguas, a precipitar-se violentamente na direcção da cabeceira, quebrando troncos, arrastando galhos, revolvendo as ribas, como se novos braços de Samsão ousassem romper as barreiras do leito. Na faina do publicista, nunca a pororoca do odio se encrespou para quebrar-lhe a muralha do programma traçado sob um ponto de vista superior, longe do terreno das retaliações, onde era commum, como infelizmente ainda hoje, ser lançada de borco a dignidade alheia.

O rio, vencendo leguas e leguas, ao desaguar, tempera a bahia de S. José, com o perfume bucolico dos afastados pousos do recondito. A acção do orientador adubou a scena politico-social de S. Luiz, com as virtudes de uma alma peregrina e os atavios de um character illibado.

Ao longo da costa brasileira, no archipelago dos Abrolhos, mora um pharoleiro indifferente aos prazeres da civilização em marcha, unicamente devotado a velar pela luz que concretiza o seu dever. Além de outros periodicos que fez circular, como "O echo do Norte", "O Brasileiro", "A Chronica Maranhense", o infatigavel polemista ergeu sobre os abrolhos dos dissidios administrativos da epoca o "Pharol Maranhense", que muito absorveu das suas energias e cujo brilho transformou, por vezes, o athletico lidador numa estatua da liberdade, a varrer, com o facho luminoso da logica, as paixões de sobre es fundamen-

tos da nacionalidade, que vinha de des-
pontar com a Independencia.

Se aos monumentos grandiosos como o colosso de Rhodes, se pódem oppor, como similes, as qualidades in-natas de um individuo, a visão alta e penetrante do vigoroso liberal póde hobrear-se com aquella maravilha, já quando elle esmagava ao peso da critica os desmandos do momento, já quando apontava no porvir algumas necessidades, como, por exemplo, a de ser lavada da face da patria a nodoa da escravatura.

O "Jornal do Timon", photogra-
phia de uma nova feição do seu genio facetado, é como um barco que con-
duz o curioso ao passado historico do Maranhão, de cuja obscuridade sur-
gem, ao magico descortino do novo "Timon", das cinzas do opprobrio, fi-
guras como a do Bequimão, o Tiraden-
tes do norte.

Sobranceiro, altivo, inquebranta-
vel, dentro das agitações partidarias da
provincia, foi como no sertão o páu

d'arco, que, por sobrepujar no talhe aos madeiros visinhos, o raio como que o escolhe de preferencia para ferir. Mas é tambem esse tronco um dos que mais resistem aos damnos do corisco, reverdecendo muitas vezes após o abalo, para abrir annualmente a copiosa floração amarella ou violeta.

“Timon”, altaneiro, sem arrogancias, fiel, sem evasivas, aos principios de opposição, não sahia comtudo illeso de accusações infamantes, como a que o deu por connivente no movimento revolucionario que derramou numa larga parte do interior a sangueira da Balaiada. De taes embates, porém, no momento opportuno, assumia a attitude, que lhe competia, como sentinella do povo, e fazia reflorir a seara dos seus conselhos balsamicos.

Sempre que numa situação difficil estivesse em jogo o seu nome, deixava, quasi sempre, que lhe atassem o corpo, com o fio fragil das intrigas, para depois, num só repelão de Gulli-

ver, desbaratar os que lhe ousassem poluir a pureza das convicções.

Dera-lhe a natureza os hombros largos, feitos para não derrearem ao peso das cruces. Possuia os olhos pardos dos leões, e os cabellos lisos, bastos, continuando-se com a barba redonda, que lhe circumdava o rosto, tinham a apparencia imponente das jubas.

Moldados sobre uma alma rija e nobre, não lhe podiam os traços phisionomicos velar a firmeza da fecunda organização interior.

O verbo vasava-lhe da penna com a mesma destreza com que fluia dos labios; fallando ou escrevendo, na tribuna, como na folha diaria, os seus periodos marulhavam, as phrases succediam-se com o rythmo das catadupas.

Sem titulo universitario, passou pelo fôro, como vivera nas redacções: provocando o ruido das victorias.

Montando, um dia, para ganhar a propria subsistencia, banca de advogado, como rabula, derramara, em tro-

ca apenas do pão quotidiano, as mais altas luzes do Direito e arrancara dos jurys os mais bellos exemplos de justiça.

São os cerebros dos homens, como Lisbôa, colmeias de onde as abelhas das idéas abrem azas, para beberem, no mundo exterior, á flôr dos factos diuturnos, o pollen da observação, com que vão fabricar, no silencio das circumvoluções, como em favos o mel, novas formas de arte, preceitos moraes, doutrinas sadias.

Não desceu para a morte pelos degraus da idade avançada. Tombou a meio do caminho. E se, na Europa, para onde fôra a tratamento, teve, nas ultimas inspirações, ar puro de Portugal para o alentar, asphixiaram-no, disseram os que o assistiam, saudades do Maranhão.

Victor Hugo, ao nascer, achara, como disse, o seculo XIX apenas com dois annos. E confundiram-se ambos depois na grandeza, pelas creações com que enriqueceram a humanidade.

Sob o céu do Brazil, o mesmo seculo contava somente 12 annos obscuros, quando veiu á luz João Francisco Lisbôa, cuja obra é por si só capaz de opulentar um paiz e de assignalar a existencia de um povo.

II

O poder de analyse de Timon, percuciente, agudo, punha magicamente homens e factos em relevo, como se os apanhasse atravez de um estereoscopio.

Voltado de continuo para o passado, ahi captava sabiamente, para espelho de comparações, erros e virtudes, com o cotejo dos quaes procurava corrigir os vicios politicos do seu tempo. Desse modo a sua obra de polemica, serena, mas ericada a quando e quando de espinhos de ironia, é quase toda uma fonte donde mana, em estylo agradavel e fartamente, a historia antiga.

Timon III, como o chamou, com pretendido sarcasmo, um possante ad-

versario, Varnhagen, elle o foi cabalmente, com o vigor de um formoso e austero espirito grego a florescer debaixo do Equador.

Era talvez excessiva a fé que empenhou na nobre acção de jornalista, a devastar as proprias energias, contando com uma regeneração de costumes politicos e males sociaes, que se continuariam ainda por longos annos.

Custa-nos admittir, no entanto, que a força repressora da sua palavra, desde logo revestida de auctoridade, não agisse de algum modo no animo dos poderosos, que na maioria lhe temiam a logica e sinceridade excessivas e a copiosa argumentação que empenhava principalmente no combate ao machinismo eleitoral, apontando exemplos eruditos, com o Plutarcho á mão.

Em tal empresa, gozou muitas vezes do maximo favor da opinião publica, mas, verdadeiro Demosthenes da tribuna jornalística, tal como o orador helleno, teve momentos em que soffreu

desterro para dentro do proprio silencio.

Vasculhar a Antiguidade Classica, atravessar de vôo a Idade Media, penetrar e percorrer os Tempos Modernos, recolhendo ensinamentos para melhor orientar os processos electivos da sua terra, valeu tudo isso por uma lição, que só a posteridade tem sabido de maneira unisona louvar, embora sem ainda aproveitá-la praticamente.

Em toda peregrinação historica, embora o movesse o intuito principal de fazer resaltar esclarecimentos, deixa sobresahir sempre, de par com a elegancia da forma, a oportunidade dos factos jogados com a familiaridade de um genuino historiador.

Dentro do gabinete, pôde dizer-se que em realidade viajava por todo o mundo civilizado, taes eram a clareza e segurança com que discutia os ultimos e mais notaveis acontecimentos.

A precisão e abundancia com que noticiava não deixavam de ser admiraveis nesse tempo no Maranhão, que,

mais ou menos como o de hoje, vive espiritualmente apartado dos centros cultos. Apesar disto, a impressão que colhia nas leituras parecia recebida pela mais potente memoria visual de um viajante.

Se para o que corria além dos mares dispunha de tão ajustada veia critica, aquillo que se desenrolava aos seus olhos foi apanhado de modo a projectar-se até nós, não apenas como aspectos regionaes de um determinado scenario politico, mas como retrato geral das intrigas, cortezanias, atroadaslouvaminheiras das turbas, entre os muros das provincias.

A toda paizagem da vida politica maranhense tão bem pintada não falta para completal-a o facies anemico e invariavel da imprensa extremada, a maldizer o rei morto e a exaltar o rei posto, gritando que já emfim se respira após os desmandos da administração passada e melhor se respira ainda diante da justiça das primeiras e infallivelmente acertadas decisões da adminis-

tração em inicio, felizmente em bôa hora entregue a um dos maiores patri-
cios vivos, senão ao maior homem do
momento.

No meio de tudo isso, impavido e
limpo destes mimetismos, alteava-se o
seu busto na tribuna do jornal, como
um gladiador da palavra escripta.

As sabias exprobações de Lisbôa,
não raro perdidas no descampado do
descaso da maioria dos seus inimigos,
encontrava, ás vezes, algum baluarte,
tal por exemplo a consciencia de um
Francisco Sotero dos Reis, e, como sons
chocados contra forte muralha e multi-
plicados pelo echo, os protestos prorom-
piam redobrados copiosamente.

O grande observador era infatiga-
vel, e bastante amadurecido na pratica
das virtudes publicas e privadas, para
impor-se ao povo, lançou sem cessar
largos commentarios, que formam, na
vasta literatura do Grupo Maranhense,
uma incomparavel cartilha de moral e
civismo.

Por vezes, o jorro das sentenças de

tal modo nos envolve numa onda de admiração; de tal maneira a eloquencia enrija os seus periodos, que se ganha a illusão de não estarem sendo lidos, mas sim atirados aos nossos ouvidos com um ardor ciceroniano.

Desambicioso, sentindo bem que ia passar além da sua epocha, fluctuou sobre o mar agitado dos interesses, conservando-se puro, num respeito extraordinario á posteridade, afim de sobreviver sem macula na memoria de quantos lhe estudam a vida.

A indignidade do homem publico só nasce quando neste se oblitera a percepção para enxergar num futuro distante a probabilidade de um juizo imparcial.

Ha individuos que resumem toda a razão do ser nesse curto prazo da existencia, de modo que, se attingem as eminencias sociaes, não se poupam á pratica de acções impuras, que só verdadeiramente muito depois da morte começam em definitivo a ennodoar-lhe a vida.

Foi essa faculdade dos justos de se conduzirem, divisando o effeito dos proprios actos por cima dos seculos, que deu a Pedro II a serenidade para aguardar, no seu jazigo,

“A justiça de Deus na voz da Historia”.

João Lisbôa encarnou um destes principes da equidade, aos olhos de quem nenhum typo desmerecia injustamente por desagradar ao poder, nem crescia por posição que occupasse, mesmo as mais altas do paiz. A propria figura do Imperador estava para elle dentro dos limites dos dotes excellentes para reinante, embora estes não promanassem da genialidade, como entoava, em geral, o aulicismo.

Com tão alto analysta, a critica social, no Grupo Maranhense, não só se evidenciou de maneira superior, como alcançou a completa fidelidade.

III

Na chronica historica relativa á antiga provincia do Maranhão, tudo quanto o illustre brasileiro colligiu e nos legou reunido sob o titulo modesto de apontamentos para a certamente grande Historia, que não chegou a traçar, excede em detalhes, clareza, sequencia da exposição e pureza da linguagem, a qualquer trabalho antes apparecido com a mesma feição, como os de Gayoso Pereira do Lago, Diogo de Campos e os já celebres “Annaes” de Berredo.

E’ ainda com Lisbôa que, no decorrer da phase lucilante do Grupo, a

Historia no Brasil adquire a verdadeira feição critica e philosophica.

Pela primeira vez, com o conhecimento do contorno da nossa costa e da Ilha, um pesquisador demora o olhar sobre o acervo de informações acerca das primeiras tentativas de colonização da terra maranhense, procurando, sem ater-se a meras compilações de dados absurdos, localizar o naufragio das mallogradas expedições de Ayres da Cunha, um dos primeiros donatarios, com João de Barros e Fernão Alvares, da capitania, e ainda a de Luiz de Mello da Silva.

No juizo comparativo, que estabelece entre os dois grandes movimentos francez e hollandez, de que foram theatro a Ilha do Maranhão e bahias e pequenos logarejos dos arredores, discorre de modo a não deixar duvidas de especie alguma sobre as caracteristicas das duas empresas, que assignalam o seculo XVII, na historia do Maranhão. Com Ravardière, Desvaux, Claude d'Abeville, a terra até ahí entregue

a selvagens, soffre uma occupação fertil e vantajosa, recebendo as sementes da vida politica e da educação religiosa, e inspira, desde logo, pelo exuberancia da natureza, as primeiras fortes expressões em seu louvor derramadas na "Historia da Missão dos Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circumvisinhas", da auctoria do padre Claude d'Abeville, cujo nome, juntamente com os dos seus chefes, a edilidade nestes ultimos tempos inscreveu no marmore de uma pedra commemorativa.

Outrosim o raciocinio torrencial de Timon atira a violenta e ambiciosa acção hollandeza de João Cornelles para a triste categoria de uma verdadeira invasão odiosa e movida apenas pelo interesse de arrancar da nova terra os florins, sob a forma de assucar de fabricação dos engenhos usurpados aos colonizadores.

O papel de catechese dos francezes e a serie de apprehendimentos, que aqui iniciaram, demarcando e fun-

dando a cidade, diminuem aos olhos da Historia a façanha portugueza de Jeronymo d'Albuquerque, batendo tão fecundos occupantes na batalha de Guaxenduba. A propria providencia, concorrendo talvez para tornar o local desta pugna uma duvida geographica, parece ter querido levar-nos a concentrar o nosso preito no madeiro, que lembra, no Outeiro da Cruz, a lucta gloriosa de Antonio Moniz Barreiros e Antonio Teixeira de Mello, pela expulsão do jugo, da oppressão e da cobiça dos hollandezes.

E uma grande parte da população que diariamente circula pela estrada do Anil, ao tirar o chapéo, como habito já tradicional, diante daquella cruz tosca, num respeito ao emblema do Christianismo, presta ao mesmo tempo homenagem ao feito victorioso contra os batavos, tornando esse acontecimento um dos factos mais lembrados no Maranhão atravez das gerações.

Num tão intelligente julgamento desses dois grandes quadros da evolu-

ção do Estado, no qual Timon se esmera com o carinho de um pintor realista, a peroração abundante esgota o assumpto de maneira definitiva.

O espirito do doutrinador, após longo tirocinio pela escola turbulenta da politica e pela tumultuosa do direito, com todos os dotes classicos de grande historiador, ensaia o surto nestes commentarios locais para logo espriar-se pelos terrenos mais largos dos problemas geraes, ou insinuar-se, dilatando-se, com uma expansibilidade de immensuravel, pelos escaninhos da vida intima do continente.

Tanto elle abraçava o paiz no curso das locubrações, que Sylvio Romero diz, com sincero entusiasmo, poder extrahir dos "Apontamentos para a Historia do Maranhão" uma nova obra, e sahe da leitura como que abraçando um livro de ouro, segundo affirma, com o titulo grandioso de "Brasil Colonial".

Ficavam já bem longe a exhortação exclusiva ás bellezas e riquezas da

terra, no “Dialogo das Grandezas”, a narrativa burilada, mas ainda sob a forma de ingenuo cantico á terra, de Frei Vicente do Salvador, e o macisso chronicão dos annalistas dos tempos coloniaes.

A Historia balbuciará emfim a verdadeira linguagem com Varnhagen, mas este é sobretudo o grande pesquisador dos archivos, é quasi exclusivamente um anatomista de documentos. Lisbôa é o observador das multidões, perscruta a alma popular e vive em espirito nas epochas que estuda. E’ profundamente humano e fere o teclado da psychologia.

É com elle, a Historia articula-se na technica mais alta, na simplicidade elegante do estylo, que o distancia a perder de vista de Varnhagen, na probidade scientífica das affirmações, nos confrontos impeccaveis, na generalização dos conceitos, no desassombro das attitudes e sobre tudo na hombridade de analyse sem paixões dos successos e typos.

O saber avolumado pela observação, como força hydraulica, rompe os diques dos limites provincianos e o mestre ventila questões fundamentaes da historia geral do paiz.

As theses da formação brasileira discutidas no seu tempo não escapam á perspicacia do argumentador: pronuncia-se sobre taes questões, com a mesma critica independente, a mesma consciencia de convicções, que em tudo manifesta.

Haja vista o problema dos indios. Estes offerecem o thema palpitante de significação nacional, revolvidos violentamente na sua barbaria pelas primeiras vagas civilizadoras.

O Indianismo é a exaltação á raça indigena, sob o impulso do genio soberbo de Gonçalves Dias, no vigor do verso americano, e é o louvor á indole affectiva e bellicosa do aborigene, sob a influencia da imaginação potente de José de Alencar, na doçura da prosa brasileira.

E' um credo, um culto, uma reli-

gião, um brado de patriotismo sublime, mas necessariamente exaggerado como toda voz de alarme. Póde tocar as raias de uma grande phantasia genial, mas tem o sentido de um grito de independencia na nossa literatura. Perdôe-se-lhe o exaggero de concepção pelo extraordinario papel que representou.

Não é para admirar, portanto, que entre Gonçalves Dias e Alencar de um lado e Varnhagen do outro, surgisse o agente moderador em João Lisbôa, a força frenadora das pulsações de enthusiasmo da patria por esse sonho de poetas.

O copioso capitulo sobre os costumes dos indios, bebido nas fontes mais verazes, como que dá o rythmo á corrente impetuosa da idéa indianista.

O portentoso thema literario, tomando o character de uma these social, conquistava dominadoramente a opinião publica. Para muitos já era mesmo uma indiscutivel e formosa verda-

de nacional, crystalina, empolgante, fascinadora.

Era a resultante de uma revolta tardia das sub-raças, diante do rigoroso dominio imposto desde os primeiros passos da conquista aos seus antepassados das tabas. O genio de um poeta deu-lhe quasi o vulto humano de uma philosophia.

Quem primeiro o criticou fria e detalhadamente foi o nosso grande historiador, que assim teve aso de vazar erudição, ora desenrolando, com o criterio de um minucioso, toda a legislação da corôa pró e contra os indios, ora enveredando pela historia da Companhia de Jesus e remontando até Santo Ignacio de Loyola, para melhor salientar o papel dos jesuitas na catechese do Novo Mundo, ora ainda visitando aldeias meio domesticadas.

Armado de rijos argumentos, busca não destruir completamente a admiração nascente pelo valor do indio, mas cortar os excessos sentimentaes, que bordavam as discussões sobre o

momentoso assumpto. Discordando em alguns pontos de Gonçalves Dias, sente-se com animo de convidar o poeta, que já se desdobrava no ethnologo, a polemizar sobre a intrincada questão.

Não poupa censuras, é certo, á crueldade com que os civilizados trataram, durante seculos, os naturaes da grande Colonia, mas a sua penna procura reduzir ás justas proporções os attributos de grande elevação moral, de alta intelligencia e heroicidade epica, pelo menos para a maioria das tribus, onde campeavam a indolencia, a lubricidade, com multiplos matizes, e a anthropophagia, com variantes macabras, na pratica dos ritos barbaros.

As suas assertivas tiveram o valor de serenar o accesso febril de um nacionalismo inspirado tão somente nessa raça em grande parte domada, com muitos sacrificios, pela catechese, que se continuaria mais tarde na acção de Rondon.

Lisbôa, discutindo o problema,

longe de mostrar vaidosamente haver chegado á solução, deixa, ao contrario, transparecer o intento de exigir da sciencia um estudo mais detido da psychologia do aborigene.

A circumstancia do nascimento de João Lisbôa no Maranhão concorreu de certo para avantajarse a sua estatura de extraordinario historiador dos tempos coloniaes. E' que, tendo sido esta então Capitania um dos principaes scenarios do periodo de submissão á corôa, o erudito maranhense, desenvolvendo com amôr filial a historia da terra berço, desnovelava a propria historia do paiz natal.

Outros, porém, em mais dilatados scenarios, como Pernambuco, Bahia, Rio e a velha Capitania das Minas Geraes, não attingiram a comprehensão superior da Historia do Brasil, que elle patenteou. De maneira que não se pôde deixar de ter por principal factor da elevação do mestre dos historiadores do periodo colonial a penetração do seu espirito, a grandeza do seu talento.

Nenhum outro abrangeu, numa portentosa vista de conjuncto, o aspecto instavel e doloroso da vida brasileira de então, synthetizada nos agrupamentos heterogeneos de nobres, cidadãos, infanções, ricos homens, a ambiciosa classe dos peões, exaurindo lucros nas mercancias de toda sorte, a triste familia do gentio escravizado ou não, a léva continua de degredados, o producto ignominioso do trafico africano, e, como consequencia do cruzamento sem freios, a multidão ignara dos mestiços.

Deste ponto em diante, Lisbôa, que havia muito deixara de historiar apenas para os maranhenses e dirijira-se aos brasileiros, deixa de interessar somente a estes e falla ao mundo, á humanidade, aos sentimentos de liberdade universaes. O que elle passa a pintar é a miniatura do drama da Inconfidencia Mineira, um facto anterior ao outro, mas ambos fructos monstruosos da ambição e tendo cem annos de permeio, como se no fim de cada secu-

lo Portugal quizesse conter os assomos libertarios da Colonia, com o exemplo de uma execução tremenda.

O Maranhão é Minas e S. Luiz é a Villa-Rica do seculo XVII.

Tanto quanto permitem as differenças da mentalidade de um povo, com um seculo de evolução, o cotejo póde ser feito quasi que se justapondo os dois tristes eventos.

Em Minas, é, por motivo da fome desmedida pelo ouro, aquella ultima derrama fatal e extorsiva, que leva ao cumulo o descontentamento popular. No Maranhão, foi movel da revolta a engrenagem do mais vexatorio estanco firmado na côrte em 1628, o qual hoje chamariamos açambarcamento, girando para miseria do povo sob a manivela falseadora dos assentistas, estes em tudo equivalentes aos contractadores do ouro e diamantes, riquezas então representadas pelo assucar, cacáo, couro, tabaco e sobretudo o cravo.

A sentença da alçada, na conjuração, é uma tempestade, um tufão que

abre o abysmo a um grupo de idealistas. Na rebellião de que tratamos, a devassa é uma lufada de odios politicos, que arrasta barbaramente á forca um homem, na mais nobre accepção do termo, o lidimo precursor de Tiradentes, Manoel Beckman, chamado em vida, no seio do povo, e depois na celebridade e na gloria—o Bequimão.

Se a conjuração avulta pelo valor intellectual das figuras nella envolvidas, as quaes eram toda uma familia espirital de poetas, se lhe cabe por isso grande relevo historico, não sahiu entretanto do campo das idéas, das intenções, das esperanças, embora visasse o objectivo mais amplo da independencia, senão da republica. O movimento maranhense, ao contrario, alcançou o terreno pratico das realizações, como a supressão do estanco, a prisão do capitão-mór e o estabelecimento emfim do governo revolucionario constituido pelos Procuradores e Misteres do povo.

Mas, se aqui faltaram letrados,

como os de Minas, não deixou, porém, a verve de servir á causa revolucionaria. O espirito anonymo dos versistas derramou pelas esquinas trovas e satyras, com os mesmos effeitos subversivos das “Cartas Chilenas”, ainda que muito distantes destas no lavor. E sendo muitos destes tropos sarcasticos attribuidos a Thomaz Bequimão, intelligente irmão do Martyr, o mesmo apparece ás vezes, embora pallidamente, como um “Critilo” maranhense.

Um anno bastou para que as forças da maioria dos elementos revoltosos relaxassem a ponto de vêr-se quasi completamente só o Bequimão, á chegada do novo e sombrio Governador Gomes Freire de Andrade, em cuja alma deviam rugir disfarçadamente algumas das mesmas paixões que afogariam no sul o Visconde de Barbacena e D. Luiz de Vasconcellos. O novo enviado de El-Rei trazia, sem duvida, os sinistros intentos de tornar-se de qualquer modo credor das magnanimidades

do throno, mesmo á custa do sangue injustamente derramado.

E com traçoeiros protestos de paz, esperou o menor pretexto, como o tentar o rebellado libertar o irmão preso para que fosse decretada a sua immediata prisão e busca pela cidade.

O heroico chefe revoltoso, unico animo vivo no meio do fracasso de milhares de cor.vicções, energia bronzea, character firme de conductor de povos, alma de aço, desejo igneo de servir á liberdade, anseio crepitante de salvar o povo do Maranhão, pelo qual, como serenamente confessou do alto do patibulo, morreu contente, esse forte, esse bravo, um dos primeiros grandes exemplos no Brasil de coragem civica diante da morte, preferiu fugir a merecer talvez o perdão, como muitos dos seus partidarios.

Ahi surge a alma do trahidor Joaquim Silverio dos Reis, na sua negra primeira edição nas terras do Brasil, sob a mascara ignobil da physionomia macabra de Lazaro de Mello.

E lá se foi este, com os sicarios, rumo da fazenda no Mearim, onde o rebelde se homisiara, afim de indical-o aos algozes, como a depositar sobre a face do amigo e protector o beijo torpe.

Agrilhado e conduzido á capital, a bem dos principios liberticidas de Portugal, com a mesma aureola de serenidade e fé de Tiradentes, subiu Bequimão os altos degraus para a ignominia da forca e para a evidencia da Historia.

Tudo passa debaixo dos nossos olhos, na analyse destas tragedias, ou melhor das duas inconfidencias que comparamos, a do norte e a do sul; todos os typos desfilam, muitos agachados, rarissimos de pé, mas falta ainda o ultimo especime corvejante, que só apparece no fim da duas, na do sul, com o nome de Frei José de Jesus Maria do Desterro, e na do norte chamando-se Teixeira de Moraes; aquelle retardando o supplicio do inconfidente do sul com a oração de infamia sobre o nome de José Joaquim da Silva Xa-

vier; o outro a buscar, purgar-se de cumplicidade na revolta, com a relação escripta dos mais nefandos attributos ao character do inconfidente do norte.

João Lisbôa é o extraordinario juiz que, empolgado pelo assumpto e amontoando argumentos até chegar á conclusão mais justa, como requer a verdade historica, cresce, agiganta-se de modo a entregar ao futuro um symbolo da liberdade, antes empoeirado pela vileza dos detractores.

Sente-se vivamente que o historiador, liberal nas convicções politicas, freme como o minerador, que, ao remirar o bloco informe encontrado no meio do cascalho, vai pouco a pouco sendo tomado de incontida satisfação á medida que vislumbra os indicios do diamante.

E a pedra rola nas suas mãos e perpassa pelos seus dedos amimada com um carinho incomparavel.

Faz-se o mesmo homem lapidario, examina a christalização. Desbastan-

do a camada de impurezas, descobre um raro brilhante, que fulge cada vez mais na limpidez da sua agua, sem signaes de uma jaça sequer.

O que está alli é então uma gema digna das mais custosas corôas reaes.

E' assim João Lisbôa tratando a figura do Bequimão. Estremece de emoção diante do achado, parece que vae deixar-se embriagar de nacionalismo, mas o historiador subjuga o patriota para dar lugar ao esquadrinhador incontentavel, o devoto leal da exactidão historica, e os commentarios chovem, as objurgatorias pululam.

E Bequimão deslisa da critica maravilhosa para a memoria dos posteros como um grande martyr da liberdade no Brasil.

O que alli está é um florão dos de maior realce que ornam a colonia, dos que melhor traduzem as nossas mais antigas ambições de sermos bem cedo um povo livre.

IV

Do crystal do seu genio a faceta em que se mostra João Lisbôa com o pendor de biographo é tambem a que reflecte as mais soberbas nuanças do seu estylo doce, elastico, maleavel, harmonioso.

Como por uma escala de côres cambiantes de phrases, verdadeiro crisol rendilhado de caprichos de linguagem, o peregrino atheniense ateia o lume da forma impeccavel para encarrar no vernaculo o Padre Antonio Vieira, o colosso que na prosa se eleva á altura de Camões no verso.

E como se ainda não bastasse a suprema limpidez de um estylo cor-

rentio e cantante para fixar a imagem de um sol das letras, o biographo do multiforme espirito do Jesuita naufragou nesse escrupulo que accomette os grandes homens, quando um trabalho proprio começa a diminuir aos seus olhos, pelo simples facto de lhes haver sahido das mãos. E d'ahi por diante tudo quanto lhes vem da lavra é pequeno, é minimo, dilue-se, á medida que o espirito ora se debate na incapacidade de julgar-se a si mesmo, ora na ansia infinita, da qual até o maior genio não se desaltera, de attingir a maxima pèrfeição. Alguns recaem no labor da refundição da obra que os absorve, outros se deixam tomar do impeto de esconder ou de destruir o objecto criado, ás vezes joia impagavel.

Não foi senão esta linda, mas condemnavel fraqueza, tão commum nos fortes, filha ingenua da modestia, que inspirou aquella inscripção lançada pelo autor e encontrada após a morte deste sobre o manuscripto de "A vida do Padre Antonio Vieira", destinando-o

às chammas, precioso trabalho cuja salvação é devida tão somente ao encanto que despertou naquelles que primeiro o manusearam.

Somente aos olhos de um pai excepcional, suspeito do valor de um filho, poderia aquella biographia desmerecer do justo e immortal valor de haver integrado a figura magistral do Padre na Historia Politica e quiçá na Historia Literaria do Brasil, onde a sua alma desabrochou, fructificou e proliferou durante largo tempo, alma espelhante que indubitavelmente reflectiu os aspectos tumultuarios da natureza brasileira.

Se bastasse o nascimento para apropriar-se de um homem um paiz qualquer, não pertenceria a Portugal, onde se formou e produziu, o sublime Judeu, brasileiro de nascimento, o desventurado Antonio José da Silva.

E se ainda o nascimento fosse sufficiente para nacionalizar a revelação de uma intelligencia, não caberia ao Brasil, que lhe abriu o estro, a gloria

de chamar seu filho ao divino cantor de Marília.

O estudo em questão é o escorço da grandiosa restituição ao Brasil do espirito de Vieira multidesdobrado na sua actividade assombrosa e cujos passos resoantes na area politica, na religiosa, na esphera das letras, na oratoria diluvial, nenhuma pena foi tão vertiginosa para acompanhar nos dois continentes como a do Mestre, que ora focalizamos.

Este, além disso, assestando a potencia telescopica da analyse justa e profunda para o firmamento estrellado das victorias intellectuaes de Vieira, esse cume septentrional da vasta cordilheira, que formou no Mundo a Companhia de Jesus, desnuda nitidamente sombras variadas e variaveis do character complexo do excepcional colaborador de d. João IV, como que descobrindo e delimitando as largas manchas de um sol.

Astro que era, o luminoso espirito do astucioso autor do Papel For-

te achou na critica ousada do glorioso maranhense uma superficie, sobre a qual a luz daquelle talento poly-morpho se decompuzesse, como através de um prisma, mostrando todos os matizes da sua natureza tanto sublime quanto dubia. O perfil desse modo tem todas as características de um espectro solar.

Uma caudal de sensações, de sentimentos, de impressões encachoeiradas na personalidade esquisita do catechista como que jorrava dos pincares da sua intelligencia, e sobre o conflicto das idéas ora sabias, ora artisticas, ás vezes discordantes, a projecção luminosa da critica de João Lisbôa buscou salientar a essencia intima daquelle temperamento em continua ebullição.

Ô genio do Padre é assim abarcado pelo grande biographo desde as suas oscillações de chamma formidavel, que no espaço da politica europeá envolveu por vezes o mundo civilizado, e desde as crepitações de rhetorica e

erudição, nas tribunas sacras de Lisboa, Bahia e S. Luiz, até ás modulações da sua palavra serena e convincente, doce e simples, a converter a gentildade, dos sertões do nordeste ao Rio Amazonas, da serra de Ibiapaba á Ilha de Marajó, assim o tabajara como o nheengahiba.

Enfim, se João Lisboa, no estudo sobre Vieira, retoma para o Brasil a parte que a este compete na formação do espirito do Padre extraordinario, tem outrosim a primazia de revelar ao proprio Portugal a intrincada psychologia, qual curioso labyrintho, do celebre jesuita, ao mesmo tempo cortêsão pelas maneiras e principe pela intellectualidade singular.

Embora apenas num escoreço que talvez fosse a base de um capitulo mais copioso, Odorico Mendes prende tambem a attenção de Timon, que se sente empolgado pelos sentimentos daquelle seu grande irmão pela mentalidade, pela cultura e sobretudo pelos religiosos ideais de patriotismo. Não

é sem grande orgulho que desvenda na acção politica de Odorico, durante as luctas dos fins do primeiro reinado, a nobreza de Bequimão e a inquebrantabilidade do capitão-mor Antonio Teixeira de Mello, cujos sangues unidos numa herança directa e honrosa de familia turgiam as veias do egregio traductor de Homero e Virgilio.

Tanto era o culto de Lisbôa pelo Brasil e por quantos luctavam empenhados no engrandecimento da terra que, neste rapido estudo, a sua sympathia pela feição liberal de Odorico Mendes supera a quando e quando a que nutria pelo poeta do "Hymno à tarde" e arguto familiar da poesia classica.

V

O plumitivo que, de sobreceño cerrado, vasava o artigo político, o crítico severo de argumentação escandesciente, o historiador completo, imperturbavel, com a vertigem da veracidade, o biographo subtil, vivaz, prudente, sabendo penetrar finamente a psychologia, um dos mais fortes exemplos enfim de polygrapho no Brasil, fazia também sorrir a phrase, no leve humorismo das chronicas locais.

Desenhista, aquarelista, pintor leve dos quadros variegados da sua cidade, impressionista de traços vivos, distribuia com habilidade as tintas nos aspectos das ruas e praças, durante as

tardes e noites bulhentas das festas; manejava com maestria o carvão, nos retratos de typos marcantes da epoca, e o giz nos flagrantos grotescos dos costumes provincianos.

Morreu a tradição da maioria dos velhos festejos regionais, podendo-se, no entanto, nas chronicas de Timon, de musica perfeitamente actual, ouvir de novo o ruido taful dos balões rotundos e roçagantes das damas, no recinto das igrejas; o renitente, bimbalhante e alegre repicar dos sinos; o estrugir dos fogos de artificio refulgindo nos ares.

Mesmo nestes artigos, ligeiros á primeira vista, o zelo á forma e minucia das descripções mostram relevantemente que em tudo o preoccupava mais a informação aos vindouros do que o deleite aos contemporaneos. Quando não desvendava o passado como historiador, communicava ao futuro, como chronista.

E' desse molde a pagina triste da festa dos Mortos ou da procissão cahi-

da em desuso e chamada dos Ossos, pagina de Missal, soturna e empolgante, sombria de compuncção e vibrante de religiosidade, formoso trecho de prosa digno de Chateaubriand, com os lugubres sons dolentes de bronze nos periodos e a plangencia das rezas e ainda como que o desfilar phantastico, ao lado dos vivos, dos vultos dos mortos sollevados do fundo das tumbas de todas as terras e de todos os tempos.

VI

O seu verbo lançado, não já na imprensa, mas da tribuna da Assembléa Legislativa, como rio que correse das fontes purissimas da Justiça, carreando os mais elevados conceitos, tem o dom altissimo de actualizar-se dentro da evolução politica do nosso Paiz.

Crivado de apartes proferidos por homens do valor moral de Sotero dos Reis e Frederico José Corrêa, não jogava, em resposta, senão com os recursos da cultura, da sensatez, da intuição juridica, mantendo incorruptivel o prumo da attitude parlamentar. E só para o adversario mais exaltado rete-

zava ás vezes o arco para despedir a seta da ironia, com a destreza de quem, atirando a flecha para o alto, a vê ferir de regresso o alvo rasteiro.

A ironia é o unico arripio que perpassa pela obra de polemica do homem cujo vocabulario soffria da ausencia dos palavrões, numa atmospheria tão propicia ao seu deflagrar insolito.

E o exemplo das suas victorias inspira, neste terreno, dentro do apertado circulo de paixões estreitas, proprias de todo pequeno nucleo brasileiro, um alto credo á estrategia mental da ironia:

A ironia, na Arte, é o lapis com que se traça a caricatura moral. Essa manifestação do pensamento tem seus adeptos e seus inimigos, os que a repellem e os que a exaltam, os que a guerreiam e os que são seus aliados.

Nas contendias do espirito, a ironia representa a arma que fere mas não avilta, castiga sem macular.

Não sendo dado a todos o dom de manejar-a tem a vantagem de atirar o adversario, aos primeiros passos da refrega, para a furiosa condição do touro. A ironia é um sorriso armado em toureador. E' a farpa da rhetorica. Na arena das pugnas intellectuais, quem não sabe farpear quasi sempre insulta, vomita um salpico de lama. Basta um lenço, porém, para limpar do rosto um pouco de agua suja, emquanto que a ferida de uma farpa sara, mas a cicatriz permanece.

Quem ironiza assignala para sempre com o sinete do ridiculo o gado do lugar commum.

Passam-se annos. Um dia, a lembrança de ferroadas antigas acorda um protesto longinquo. Ergue-se da turba um braço incógnito e arremessa uma pedra sobre o monumento de Eça de Queiroz. Essa pedrada quebra, mas não destroe: immortaliza.

O insulto provoca o desprezo. A ironia cria o ódio immorredoiro, esse odio que, segundo muitos escriptores,

um homem de espirito não deve alimentar por quem quer que seja, mas, se o desperta nalguem, deve cultivá-lo, para que o seu nome subsista, mesmo depois da morte, na lembrança do inimigo, como um protesto, um cáustico eterno.

O insulto nasceu nas praias, a ironia nos primeiros salões e educou-se nos lugares onde fulgia o pensamento.

Nos duelos, em que se trava a esgrima das idéas, o florête da ironia oppõe-se muita vez vantajosamente ao pêso da clava do argumento. O insulto nunca. Este obriga a assistencia a afastar o nariz.

Se a ironia é o commentario dos labios, o doesto é o das patas.

Quem escreve palavras ironicas deixa, quando muito, cair sobre o papel a cinza de um cigarro. O insulto é a defesa da vibora. Quem o maneja, derrama sobre o papel a peçonha. O primeiro escreve com um estilete, o segundo com a lingua viperina. Um

emprega a tinta, o outro a baba. Num ha estylo, no outro calão.

Da ironia ao sarcasmo, do humorismo á satyra, ha toda uma gama de sons harmoniosos. E a musica só a executam bem os que trazem vocação.

Pode ainda ser um chicote na mão de um domador, um arpão nas mãos de um pescador. Fere, marca, mas não suja.

Onde quer que pouse deixa menos do que uma nódoa, um laivo. Nisto distingue-se do escarneo, que é uma cusparada e mancha.

E' menos amarga do que doce, menos áspera de que macia, menos dura ao ouvido do que suave, menos aggressiva do que agradavel ao olfato.

E' fogo que arde sem queimar. Fogo fátuo a correr arrastado pelos proprios movimentos do individuo.

E' o espinho da roseira, o cheiro da mancenilha.

E' o canto do japi, arremedando o corvo.

No Olimpo, era castigo dos deu-

ses. Na terra é o ferrão de ouro da abelha do epigramma para o poeta, o dardo para o prosador — o verso de Catulo, a phrase de Rivarol.

A ironia pode ser a mesma, por toda parte, pode ter universalmente a mesma personalidade, mas, conforme as circumstancias, mostra feições diversas.

Para estudar a sua figura moral, na sociedade, Paulhan toma-a desde o berço, que é o antagonismo entre o “eu” e o “nós”, o conflicto entre o dever e o desejo individuais. Desse choque de interesses social e pessoal nasce o ponto de vista ironico para a critica dos factos da vida quotidiana. Mas aqui a ironia é uma attitude, ao passo que, a serviço das letras, na critica, na polemica, é gesto.

Deve tomar lugar entre as ironias aladas e subtis da classificação daquele autor.

Tem estirpe. E' fidalga. Não está ao alcance dos incapazes.

E' das que tem um fim não propriamente pratico, mas esthetico.

E tomando esse character oppõe-se, contrapõe-se à sua antipoda legitima, a injúria.

Aquella tem voz, modula; esta ri-lhar de dentes.

A primeira é apenas um cicio, a segunda um ganido.

Em paga do uivo do cão para a lua, esta apenas o amedronta com a sombra das cousas.

Vai uma grande distancia entre o assobio do garoto e o silvo da serpente ou o chocalhar da cascavel.

São de effeitos differentes a espora do cavalleiro e o coice da alimária.

São diametralmente oppostos o que espuma e o que sorri, o que esbraveja e o que murmura, a Injúria, filha da Inveja com o Despeito, e a Ivo-
nia, filha da Graça, irmã da Tolerancia, senão muita vez da propria Piedade.

VII

E' na obra de João Lisbôa que a sociedade maranhense assenta as bases da sua moral politica, e, nos momentos de maior ansiedade, quando as paixões se extremam, ainda é nas suas lições que se vai buscar o beneficio de um correctivo efficaz. E já por vezes a nação ha provado dessa medicina, repetidas como já foram na Camara Federal algumas das sentenças imperterritas do notavel moralista.

A sua figura é, entre nós, padrão de honra, de justiça, de moralidade, de perseverança, de patriotismo, de desprendimento, de modestia, de modera-

ção e temperança, na agitada vida pública.

Alem de ser o mestre da forma, em cuja leitura a mocidade adestra a palavra escripta, as suas maximas politicas apparecem como recifes indestructiveis, no meio do mar das paixões, sobre os quaes se abrigam os que buscam aplacar a furia das ambições.

Elle representa ha muito o norte para onde se volta a bussola da sã politica na sua terra.

E occupa tambem, no Brasil, um dos pontos cardeaes da mentalidade nacional.

BIBLIOTECA PÚBLICA
Não sei por que...

PO!

BIBLIOTECA PÚBLICA
Não sei por que...



BIBLIOTECA PÚBLICA
Não sei por que...

PO!

